



Coloque fãs suficientes de Star Trek em uma sala e a conversa inevitavelmente se volta para qual das saídas cinematográficas da série é a pior. A visão consensual é *A Fronteira Final*, *Insurreição* e *Nêmesis* estão brigando pelo troféu indesejado. Cada filme tem uma pequena legião de fãs que defenderão os excessos, ousadia e tom exagerados de cada filme. (Tenho preferência em assistir *A Fronteira Final* a cada cinco anos ou mais, principalmente para deleitar-se com a partitura de Jerry Goldsmith.) Felizmente, toda e qualquer discussão cessará de uma vez por todas em 24 de janeiro de 2024, quando *Jornada nas Estrelas: Seção 31* estreia na Paramount+.

É a pior coisa que há na memória do nome Star Trek.

Seguem-se spoilers para Star Trek: Seção 31.



Jornada nas Estrelas: Seção 31 é feito para TV streaming de filme com foco em Philipa Georgiou (Michelle Yeoh) após sua saída de *Jornada nas Estrelas: Descoberta*. Foi originalmente aprovado em 2019 como uma série, mas, por uma ampla variedade de razões, permaneceu no inferno do desenvolvimento até 2022. Nesse ínterim, os produtores Bo Yeon Kim e Erika Lippoldt, junto com o roteirista Craig Sweeny, se preocuparam com a ideia. O diretor Olatunde Osunsanmi disse *Revista SFX* (através) que Sweeny acabaria por escrever (e reescrever) o projeto sete vezes diferentes, primeiro como uma série de TV, depois como um filme. estava ansioso para iniciar a produção para aproveitar a vitória de Yeoh no Oscar de 2022 por *Tudo em todos os lugares ao mesmo tempo*.

O resultado é um filme que, mesmo que você não conheça a história de pré-produção, com certeza parece uma série reduzida às pressas para um longa-metragem. Não é incoerente, mas sofre do mesmo problema que afetou *Descoberta* onde você assiste a uma sinopse dramatizada em vez de um roteiro. Existem batidas temáticas e de enredo que rimam entre si, mas a carne que as une não está lá. É só *coisas que acontecem*.

Não ajuda que o enredo (creditado a Kim e Lippoldt) seja muito do tipo “e então isso acontece” sobre o qual eles avisam na Escola de Cinema 202. Muitos momentos importantes do filme são totalmente imerecidos, perguntando a você se preocupar com personagens que você acabou de conhecer e dos quais não gosta muito. Há uma cena risível no final, onde duas pessoas que realmente não deram a impressão de que gostam uma da outra precisam dar as mãos e encarar sua destruição iminente. A dupla em questão compartilhou suas histórias, mas não há nenhuma sugestão de que sejam algo mais do que apenas pessoas trabalhando juntas em um trabalho, muito menos amigos.







Michael Gibson/Paramount+

O material fraco é menos problemático se você tiver um elenco que possa elevar o que recebeu, mas, e me dói dizer isso, essa não é Michelle Yeoh. Yeoh é uma artista fenomenal que apresentou uma série de performances subestimadas ao longo de sua longa e distinta carreira. Mas ela fez seu nome interpretando personagens com profunda interioridade, e não vilões de alto nível que mastigam cenários. Mesmo em sua fase redentora, é impossível acreditar que Yeoh seja o tipo de monstro que Star Trek precisa que Georgiou seja. Em vez de diminuir a cena e os riscos para se adequar aos seus talentos, o filme torna a tela mais ampla e espera que Yeoh preencha o espaço que ela nunca precisou.

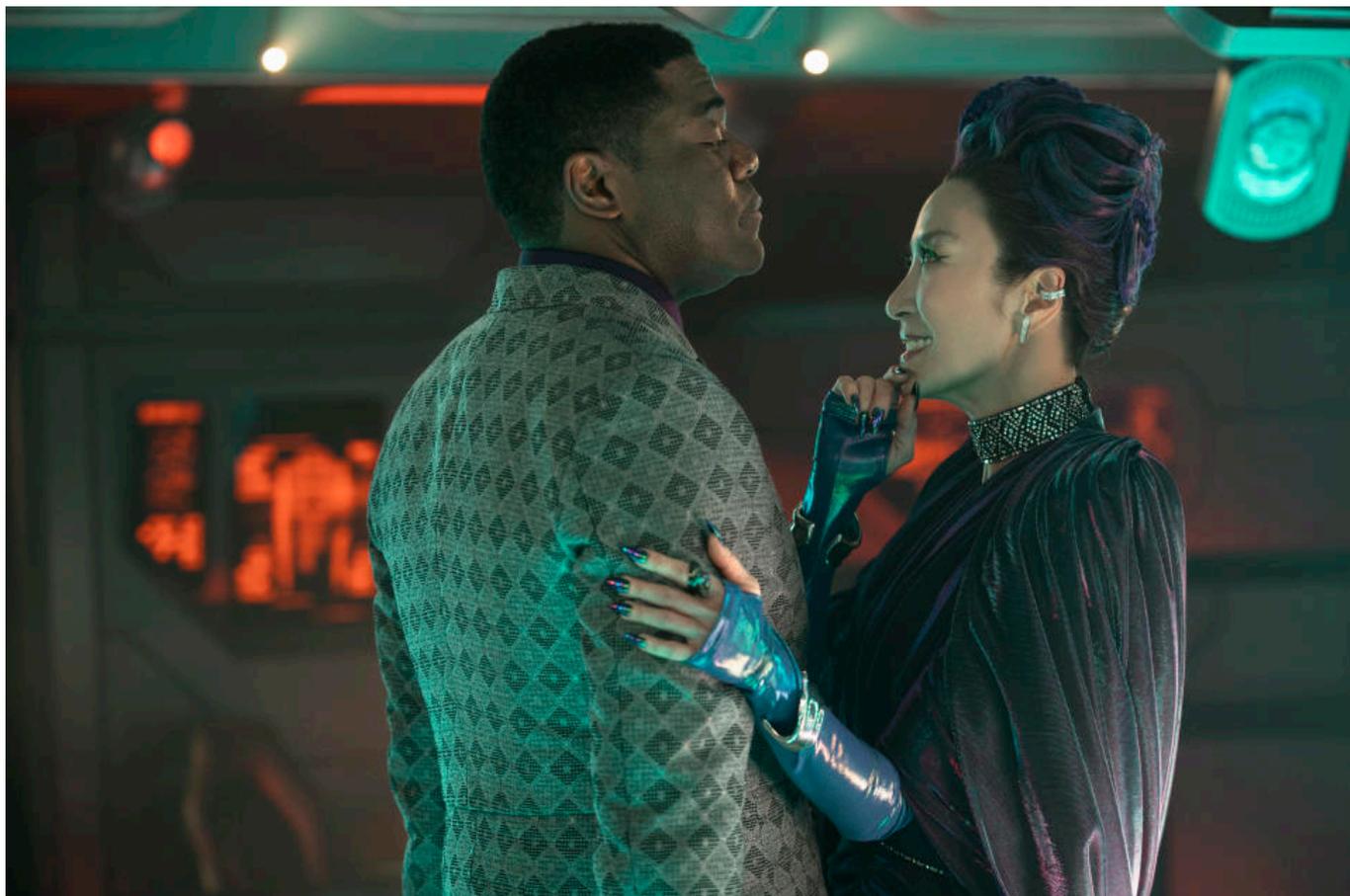
O resto da turma também é [mal](#) atendido pelo material e pelo grande volume de desordem que o filme tem pouco tempo para superar. Fazer com que a equipe da Seção 31 tenha seis pessoas antes de conhecerem Georgiou significa que cada personagem além dela é, na melhor das hipóteses, um esboço em miniatura. Tem o taciturno, o “engraçado”, o tenso, o robô, o gostoso e aquele com péssimo sotaque oirês.

Se *Seção 31* era uma série, você perdoaria as introduções concisas, sabendo que preencheria esses personagens nas próximas semanas, talvez até se apegasse a eles. No espaço de um filme, isso não funciona, já que as reviravoltas chocantes - como a morte prematura de um personagem para aumentar as apostas ou uma reviravolta repentina em um momento de crise, não funcionam. Pior ainda, o diálogo é tantas vezes uma conversa cruzada indecifrável que parece mais uma improvisação lamentável do que uma caracterização útil. Isso, ou são apenas personagens que lembram ao público pontos básicos da história repetidas vezes, como o fato de Georgiou ser um vilão.

A direção de Olatunde Osunsanmi sempre se esforçou para chamar a atenção para si, com pans, tilts, moves e ângulos holandeses chamativos. Surpreendentemente, todo o seu talento o abandona quando ele precisa apenas filmar pessoas conversando em uma sala - essas cenas invariavelmente são padronizadas para o meio padrão da TV. Pior ainda é a sua direção de ação, que perde qualquer noção do espaço que estamos vendo ou da história que está sendo contada. Há uma briga final que exige que o público saiba quem está com o macguffin em vários pontos. Mas é tudo tão incoerente que você terá dificuldade para identificar o que está acontecendo e onde, então por que se preocupar em se envolver com isso?

E isso antes de chegarmos ao fato de que Osunanmi escolheu filmar todos os filmes de Michelle Yeoh - *Michelle Yeoh* - cenas de luta em close-up. Quando Yeoh está se mudando, você deseja capturar toda a extensão de seus talentos e permitir que ela e seus colegas artistas também tenham a chance de se exhibir. E, no entanto, é nesses momentos que a câmera se aproxima - com o que parece ser um corte digital com uma dose de desfoque de movimento digital. Tudo isso serve para obscurecer os talentos de Yeoh e esgotar qualquer energia da ação.







Jan Thijs/Paramount+

Antes de assistir *Seção 31* assisti novamente às histórias relevantes de *Espaço Profundo Nove* e tentou interrogar sua ética. Essa série questionou, diversas vezes, até onde alguém iria, poderia ou deveria ir para defender seus ideais e sua visão de mundo. A Federação foi muitas vezes descrita como uma espécie de paraíso, mas será que o paraíso precisa do seu próprio esquadrão de homicídios extrajudiciais? Não foi um *enredo perverso e legal* mas um experimento mental para interrogar o que a Frota Estelar e seu pessoal representam quando sua própria existência está em perigo. Se há uma coisa que a *Seção 31* não é, é legal, e se você acha que é, então seus valores estão pelo menos parcialmente em conflito com o espírito fundador de Star Trek.

Infelizmente para nós, o chefe de Trek, Alex Kurtzman, acha que a Frota Estelar ter seu próprio esquadrão de assassinos espaciais é muito legal, dadas as repetidas aparições sob sua supervisão. Kurtzman nunca escondeu seu amor pelas narrativas da era da Guerra ao *Terror*, que permanecem tão indesejáveis aqui quanto eram em *Jornada nas Estrelas: Na Escuridão*. Tristemente, *Seção 31* é Star Trek em seu . Fundamentalmente, não é divertido sentar e assistir, além de suas inúmeras deficiências como peça de cinema.

O maior diga isso *Seção 31* não seria um vencedor foi quando Rob Kasinsky, que interpreta Zeph da *Seção 31*, começou a se desculpar cedo. Ele disse (através) ele estava preocupado que o filme fosse mal recebido, já que tudo o que os fãs querem é “apenas mais 1.000 episódios de *TNG*.” Eu admito, há um grupo de fãs que só quer ser alimentado com uma esteira rolante de “memberberries”. Estas são as pessoas que pensaram que a terceira temporada de *Picard* foi bom e estão clamando por *Jornada nas Estrelas: Legado*. Eu e muitas outras pessoas só queremos algo que seja meio atencioso, divertido e bem feito, e isso não é nenhuma dessas coisas.

Fico verificando minhas anotações em busca de algo positivo e o melhor que consigo é que os figurinos, co-criados com Balenciaga, são muito legais. Eles são um pouco demais *Guerra nas Estrelas* mas gosto do foco na textura e na alfaiataria de uma forma melhor do que a atual tendência esportiva da Trek. Ah, e o CGI é competente e não fica abaixo dos padrões estabelecidos pelo *Estranhos novos mundos*. Aí está, duas coisas que são boas *Seção 31*.

Fundamentalmente, não sei para quem é isso. É muito estúpido para as pessoas que querem Star Trek em qualquer tipo de registro cuidadoso. Não é permeado pelo onanismo de fan-service que seria agradecer por favor, o *Jornada nas Estrelas: Legado* multidão. Não é descaradamente brutal o suficiente para a gangue que quer que Star Trek se transforme em 24. E não é algo alto o suficiente para as pessoas que gostariam de admirar Michelle Yeoh em uma variedade de fantasias lindas. Lembre-se de como a Warner Bros. gostaria que os contadores da Paramount tivessem sido tão implacáveis aqui.